

R E V I S T A

# AUTISMO

Ano XII Nº 32 MAR/ABR/MAI.2026

Diagnóstico  
de autismo  
em adultos

Liberalesso:  
'Autismo não  
é evolução do  
cérebro'

O desafio  
da alfabetização

02 de  
Abril

Dia Mundial da Conscientização do Autismo

ISSN 2596-0539



VENDA PROIBIDA

Exemplar de Assinante / Distribuição

عربي





**Mais  
no**

**Além do app,  
agora temos o  
Saúde no Espectro.**



# saúde espectro\* com a tismoo

\* e outras condições ligadas ao neurodesenvolvimento, como a Síndrome de Rett, CDKL5, Síndrome de Timothy, Síndrome do X-Frágil, Síndrome de Angelman, Síndrome de Phelan-McDermid, entre outras neurodivergências.

***Cuidado especializado  
para quem você ama.***

Na Tismoo, desenvolvemos a **primeira linha de cuidado coordenado** dedicada exclusivamente à **saúde digital para pessoas autistas e neurodivergentes.**

Nossa **equipe multiprofissional** acolhe, orienta e acompanha toda a família, oferecendo um cuidado contínuo, próximo e mais humano..

Mais leveza. Mais segurança.  
**Mais saúde no dia a dia.**



**SAIBA MAIS**

# REVISTA AUTISMO

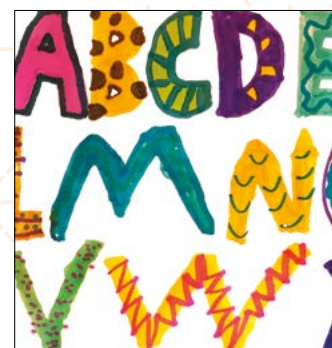
NESSA EDIÇÃO

## Autonomia se constrói com apoio

# 22

**2 de abril - Dia mundial  
da conscientização  
do autismo**

Nas páginas centrais desta edição, trazemos o cartaz oficial da campanha 2026 para você destacar e divulgar.



### O desafio da alfabetização

42

### Colunas



12

**Matraquinha**



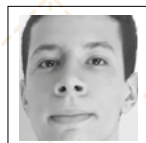
30

**Autismo  
e Liberdade**



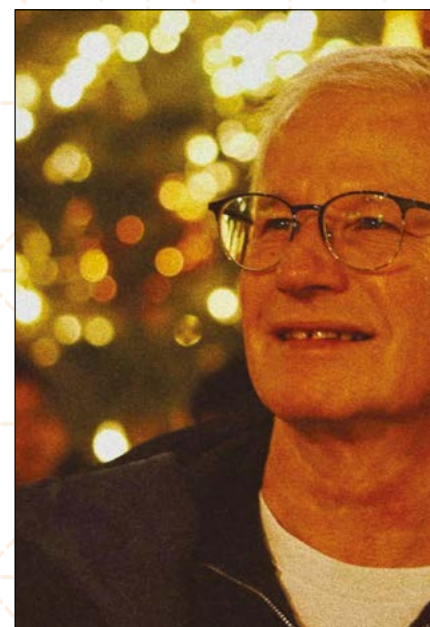
32

**Trabalho  
no espectro**



46

**Tudo o que  
podemos ser**



### Autismo na terceira idade

34

### Sessões

#### Canal autismo

**Notas e acontecimentos  
da comunidade autista**

48

#### O que é autismo?

**Saiba a definição  
do transtorno do  
espectro do autismo**

08

#### O que é a

#### Revista Autismo?

**Um periódico produzido  
para a comunidade**

09

#### André e a Turma da Mônica

**Uma parceria com o Instituto  
Maurício de Souza**

10



### O peso da excelência

14



### 1º autista recebe dose de terapia genética

39



## Autista não é evolução do cérebro humano

40



## Diagnóstico de autismo em adultos

18



Leia este QR-code com seu celular e acesse a versão online desta edição com conteúdo extra.

## Carta do editor

Ele desceu a rua pela calçada. Mentalmente repetiu duas vezes a pequena lista com três produtos. Olhou para os dois lados. Atravessou a rua. Respirou fundo. Entrou no supermercado sozinho.

Pode parecer simples. Para muitas famílias, é apenas uma tarefa cotidiana. Para nós, foi um marco. Não porque ele não fosse capaz, mas porque autonomia não nasce pronta. Ela se constrói. Com preparo. Com treino. Em ambiente controlado sempre que possível. Com erros permitidos. Com repetição. Com apoio.

Durante dezenas de semanas, eu e meu filho, Giovanni (18 anos), conversamos sobre como escolher os produtos, como perguntar a um funcionário, como lidar com a fila, com o pagamento, com algum imprevisto. Simulamos situações. Antecipamos dificuldades. Aos poucos, o que era insegurança virou rotina. O que era dependência virou confiança.

“Autonomia se constrói com apoio.” Esse é o tema da campanha nacional para o Dia Mundial de Conscientização do Autismo 2026. Não se trata de independência absoluta nem de ausência de suporte. Trata-se de oferecer as condições necessárias para que cada pessoa avance no seu próprio ritmo e com todo seu potencial. Apoiar não é superproteger. É preparar para o mundo real.

Te convido a compartilhar experiências como essa nas redes usando a hashtag #RESPECTRO. Mostre como a autonomia está sendo construída na sua casa, escola, ou trabalho. Histórias concretas transformam mais do que discursos.

Nesta edição, aprofundamos outras dimensões do espectro ao longo da vida. A jornalista Selma Sueli Silva aborda o diagnóstico de autismo em adultos. Sophia Mendonça discute a dupla excepcionalidade. O neuropediatra Paulo Liberalesso escreve o artigo “Autismo não é evolução do cérebro”. Fátima de Kwant trata do autismo na terceira idade. E há ainda muitos outros textos, além dos nossos colunistas, que, como sempre, ampliam o debate com reflexões indispensáveis.

Esta edição 32 da **Revista Autismo** é um convite à leitura do começo ao fim. Porque não se constrói autonomia estando sozinho. E conhecimento também não. Boa leitura!

### NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (**Revista Autismo**) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para [editor@RevistaAutismo.com.br](mailto:editor@RevistaAutismo.com.br). Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.



**Francisco Paiva Jr**

editor-chefe da **Revista Autismo**, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo – Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 18 anos, que tem autismo e sabe tudo sobre super-heróis e zumbis, e da Samanta, de 16 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.

## Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



instagram.com/  
RevistaAutismo



fb.com/  
RevistaAutismo



twitter.com/  
RevistaAutismo



youtube.com/user/  
RevistaAutismo



linkedin.com/company/  
RevistaAutismo



threads.net/  
@RevistaAutismo

## Quer colaborar com a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a **Revista Autismo**, envie um email para [editor@RevistaAutismo.com.br](mailto:editor@RevistaAutismo.com.br), se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).

## Quem colaborou nesta edição



**ALYSSON MUOTRI**

neurocientista



**CINDY DALFOVO**

educadora



**THIAGO CABRAL**

psiquiatra



**MARCELO MARIANO**

psicólogo



**WAGNER YAMUTO**

empreendedor



**MARCIA MACHADO**

arquiteta



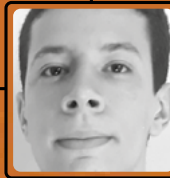
**KATIA OLIVEIRA**

neuropsicopedagoga



**TIAGO ABREU**

jornalista



**NICOLAS BRITO SALES**

fotógrafo



**FÁTIMA DE KWANT**

escritora



**SELMA SUELI**

jornalista



**SOPHIA MENDONÇA**

jornalista



**PAULO LIBERALESSEO**

médico



**QUER COLABORAR?**

## Artistas que ilustraram esta edição



**LUCAS  
KSENHUK**

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

📧 [lucasksenhuk.com](mailto:lucasksenhuk.com)  
📷 [@lucasksenhuk.art/](https://www.instagram.com/lucasksenhuk.art/)



**CAMILA ALI  
CHAIR**

Paulistana, formada em animação e biologia, ilustra livros e artigos paleontológicos e é fascinada por dinossauros e paleoartes.

📧 [deviantart.com/freakyraptor](https://www.deviantart.com/freakyraptor)  
📷 [@camila\\_alli](https://www.instagram.com/camila_alli)



**BIA  
RAPOSO**

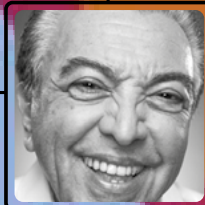
Artista visual, professora e provocadora cultural. Ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu.

📷 [@biabiaraapos](https://www.instagram.com/biabiaraapos)



**QUER  
COLABORAR?**

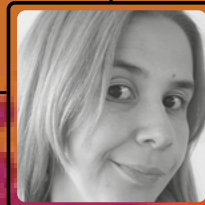
Quer ter uma ilustração publicada na **Revista Autismo**? Leia as instruções no rodapé da página anterior.



**MAURICIO  
DE SOUSA**

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

📷 [@institutomauciodesousa](https://www.instagram.com/institutomauciodesousa)  
📷 [@turmadamonica](https://www.instagram.com/turmadamonica)



**FERNANDA  
BARBI BROCK**

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 [@fer.barbi.brock](https://www.instagram.com/fer.barbi.brock)



**ALEXANDRE  
BERALDO**

Designer gráfico, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte desta revista.

📷 [@xandeberaldo](https://www.instagram.com/xandeberaldo)



**CARMEN  
DALIDA**

É autista e possui superdotação. Dançarina, escritora, filósofa e desenhista, dedica-se às artes e à incessante busca do saber.

📷 [@carmem.dalida](https://www.instagram.com/carmem.dalida)



**FÁBIO SOUSA  
(TIO .FASO)**

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

📷 [@seeufalarnaosaidireito](https://www.instagram.com/seeufalarnaosaidireito)

**Apoie este projeto:**  
[CanalAutismo.com.br/apoie](https://CanalAutismo.com.br/apoie)

**Assine e receba em casa**  
[CanalAutismo.com.br/assine](https://CanalAutismo.com.br/assine)

**Baixe grátis as edições anteriores:**  
[CanalAutismo.com.br/Revista](https://CanalAutismo.com.br/Revista)

**Fale conosco:**  
[redacao@RevistaAutismo.com.br](mailto:redacao@RevistaAutismo.com.br)

# O que é AUTISMO

## Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por Francisco Paiva Junior

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.267 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

## Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental.

O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica Aspies for Freedom (AFF), a partir de 2005.

## Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

## Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hiperreatividade sensorial.

# O que é a REVISTA AUTISMO

A **Revista Autismo** é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a **Revista Autismo**

segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes. Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, também pode assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital. Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site [CanalAutismo.com.br](http://CanalAutismo.com.br).



# ANDRÉ

em

## O SOM DO SILÊNCIO

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2026



# Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.  
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:

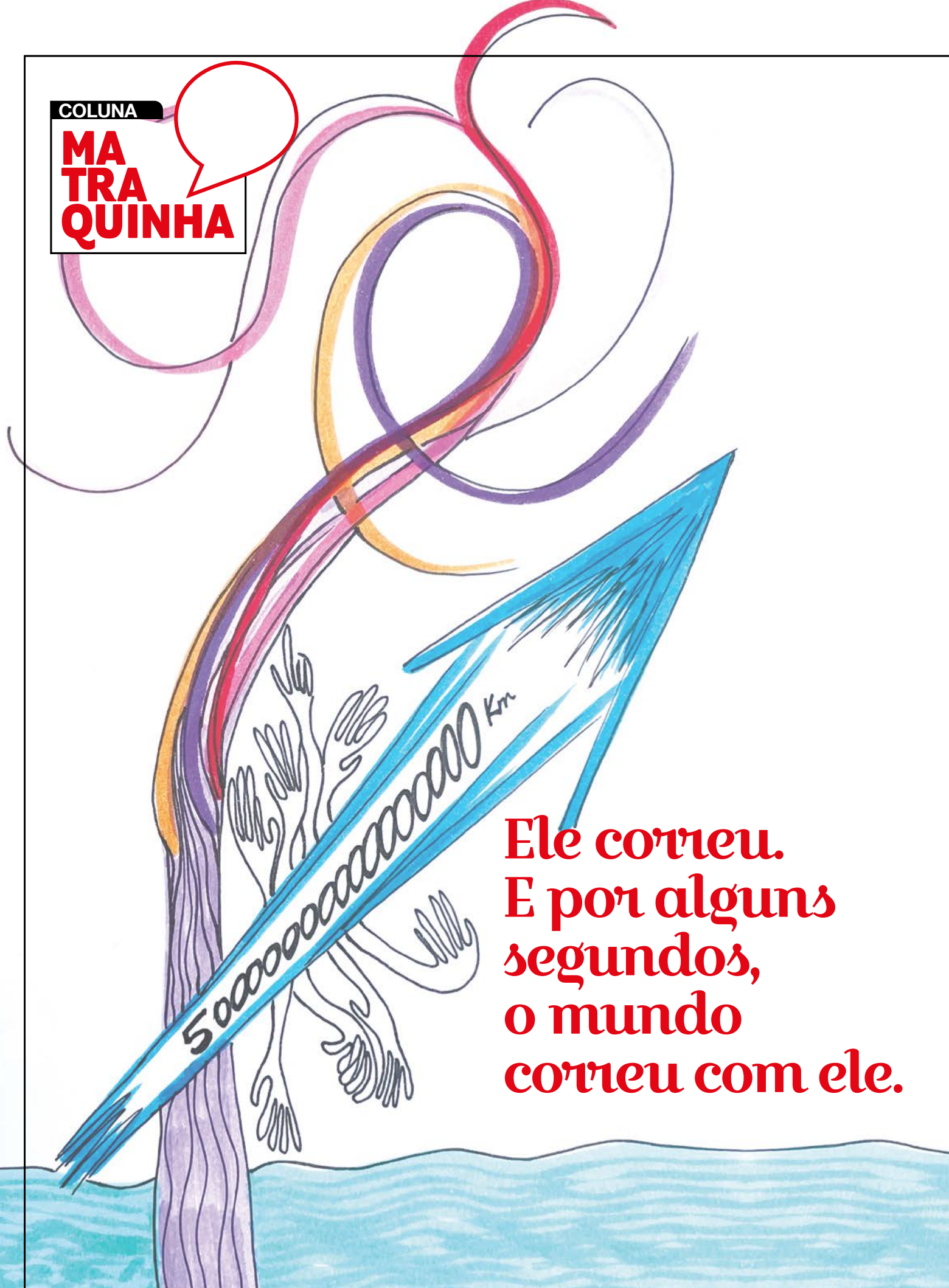
[CanalAutismo.com.br/assine](http://CanalAutismo.com.br/assine)

Apoie e receba a versão digital:

[CanalAutismo.com.br/apoie](http://CanalAutismo.com.br/apoie)

COLUNA

**MA  
TRA  
QUINHA**







**Ele correu.  
E por alguns  
segundos,  
o mundo  
correu com ele.**

## Wagner Yamuto



é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

-  [matraquinhaoficial](#)
-  [matraquinhaoficial](#)
-  [matraquinha](#)
-  [matraquinha.com.br](#)

Férias deveriam ser sinônimo de descanso. Mas, para quem tem um filho autista, as férias costumam ser apenas mudança de cenário com o mesmo cansaço.

Neste ano, fomos para o litoral norte de São Paulo, em Caraguatatuba. Mar bonito, vento gostoso, areia fofa e aquele sonho clássico de família caminhando à beira-mar. Sonho mesmo. Porque o Gabriel, nosso filho autista de 16 anos, nível de suporte entre 2 e 3, não tinha combinado nada disso com a gente.

O Gabriel vive uma fase de muita rigidez cognitiva. Tudo precisa seguir o *script*. E qualquer alteração, qualquer mesmo, pode virar gatilho para crise. Trocar o horário? Complicado. Mudar o caminho? Já começamos mal. Levar para o mar “só pra molhar o pé”? Nossa Senhora... aff.

Caminhar, então, nem se fala. A praia tem cerca de 2 km para ir e mais 2 km para voltar de ponta a ponta. No primeiro dia, conseguimos uns 100 metros. Com negociação, insistência e uma planilha invisível de argumentos. No segundo dia, fomos ousados: 500 metros. Um verdadeiro feito olímpico. Eu já estava pronto para pedir medalha.

Até que, em um dia qualquer, porque as grandes coisas quase sempre acontecem assim, algo mudou. O Gabriel simplesmente começou a correr. Uma corrida meio desajeitada, é verdade. Ele tem hipertonía muscular, então não era exatamente um comercial de tênis esportivo. Mas ele correu. Não olhou para trás. Não perguntou quanto faltava. Não reclamou da areia, do vento ou do sol. Ele correu de frente para o vento, sentindo aquela água mansa que chega tímida na areia e molha só a sola dos pés.

E ali eu tentei, de verdade, me colocar no lugar dele. O que será que ele estava sentindo? Liberdade? Organização sensorial? Prazer? Ou só estar?

Poucos segundos depois, a Agatha, nossa filha

de 8 anos, entrou na cena. Ela correu ao lado do irmão, como quem diz, sem palavras: isso parece bom e eu quero fazer parte.

E, naquele instante, algo raro aconteceu. Eu esqueci do autismo. A Grazy e eu ficamos alguns metros atrás, apenas olhando. Sem corrigir. Sem antecipar crises. Sem pensar no próximo passo. Só curtindo.

Foi breve. Muito breve. Mas foi real. E talvez seja isso que a vida nos ensina, de vez em quando: não é sobre chegar aos 4 km da praia, não é sobre cumprir o roteiro perfeito, é sobre aqueles segundos inesperados em que tudo se alinha, o vento, o corpo, o afeto e a esperança.

Seguimos em frente. Com cansaço, sim. Com desafios, sempre. Mas também com a certeza de que, às vezes, nossos filhos correm mais longe do que a gente imagina e nos levam junto, mesmo que só por alguns passos.

Se você também vive momentos assim, me conta. Qual foi o pequeno grande instante que te fez respirar fundo e pensar: vale a pena seguir? ■

# O peso da excelência





## *Desvendando a dupla excepcionalidade no autismo*

 Texto por **Sophia Mendonça**  
Ilustração: **Revista Autismo**

O senso comum costuma associar as altas habilidades/superdotação (AH/SD) a um caminho garantido de sucesso e facilidade.

No entanto, quando essa característica coexiste com o transtorno do espectro do autismo (TEA) ou o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) — fenômeno conhecido como dupla excepcionalidade — o cenário torna-se consideravelmente mais complexo.

## Redefinindo as altas habilidades

Diferente da visão tradicional de “superdotação”, que focava estritamente em um potencial genético inato e estático, o conceito contemporâneo de altas habilidades é dinâmico. A psicóloga e mestre em saúde Andressa Antunes utiliza o modelo dos três anéis, de Renzulli, para explicar que

o alto desempenho resulta da intersecção de três fatores fundamentais:

- capacidade acima da média: rapidez na aprendizagem e na solução de problemas.
- criatividade: formas originais e autodidatas de processar informações.
- engajamento (motivação): um interesse genuíno e persistente por temas específicos.

“As altas habilidades emanam de estudos da educação, não da saúde mental. Elas não constituem um transtorno e não trazem prejuízos por si sós”, pontua a especialista.

## Socialização e desempenho escolar

O ponto mais sensível da dupla excepcionalidade é o chamado mascaramento social, o famoso *masking*. Em autistas com nível 1 de suporte, a alta capacidade intelectual é frequentemente utilizada como ferramenta para camuflar dificuldades sociais e sensoriais. No ambiente acadêmico ou corporativo, essas pessoas são vistas como profissionais “nota 10”: produtivas, entregam resultados e são altamente funcionais. Entretanto, essa performance externa impõe um custo interno severo.

A ausência de acolhimento e a pressão por uma “normalidade” constante podem levar a quadros secundários graves. O acúmulo de estresse e a negligência das próprias necessidades resultam, frequentemente, em episódios recorrentes de *burnout*, transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e depressão, além de ideação ou tentativas de autoextermínio em casos extremos.

Para quem recebe o diagnóstico na infância, o suporte costuma ser pedagógico; para o adulto, o impacto é existencial. O servidor público Alessandro Fonseca descreve a confirmação do diagnóstico de dupla excepcionalidade como uma libertação. “Você passa a vida se sentindo um alienígena, à margem dos padrões. O diagnóstico traz pertencimento. Você descobre que o lugar de onde vem é conhecido, tem estudiosos e o ‘planeta’ tem nome”, afirma ele.

Antes dessa descoberta, a vida de Alessandro era pautada pelo esforço exaustivo de emular comportamentos sociais que não eram instintivos. Segundo ele, a aceitação pessoal atravessa três fases: focar nas diferenças, identificar as si-

milaridades com o grupo e, finalmente, abraçar a própria autenticidade.

A influenciadora digital Tabata Cristine relata como a facilidade acadêmica ocultou suas dificuldades reais: “Eu lia a apostila três vezes antes da prova e tirava 10”. Por ser uma aluna exemplar, seus desafios de autorregulação, sensibilidade sensorial e isolamento social passavam despercebidos. Além disso, o estereótipo de que meninas devem ser quietas e estudiosas fez com que seus traços autistas fossem confundidos com bom comportamento. “As pessoas acham que é fácil estar no palco. Sou carismática quando ativo minhas habilidades sociais, mas, no dia a dia, sou fechada e introspectiva”, revela Tabata.

## Saúde mental e a paralisia da inteligência

No livro “Leve para quem? vol. 2”, mais especificamente no capítulo “Que vida boa! O que é bem estar e qualidade de vida para os autistas?”, uma das autoras, Andressa Antunes, diz que o bem-estar subjetivo de autistas com altas habilidades pode ser inferior ao de autistas com necessidades de suporte mais visíveis (nível 3). Isso ocorre porque, no nível 3, as dificuldades são evidentes, gerando uma oferta automática de suporte. Na dupla excepcionalidade, como o indivíduo “parece bem” e produz muito, a sobrecarga sensorial e o esgotamento de seus limites raramente são notados.

Para Tabata, que soma mais de 170 mil seguidores no Instagram, a batalha pela autoestima é diária. Rótulos como “chata”, “fresca” ou “ranzinza” são comuns para crianças autistas com interesses profundos e baixa tolerância a conversas triviais. Ela confessa preferir mergulhos em temas intensos — como a história da lobotomia — a diálogos superficiais. “Geralmente, quem me anima é outra pessoa com superdotação, que traz conteúdos densos”, afirma.

Relatos como os de Tabata e Alessandro mostram que a alta inteligência não se traduz, necessariamente, em autoconfiança. Alessandro observa que, quanto mais compreendia a complexidade do mundo, mais consciente ficava da própria ignorância. Esse nível agudo de consciência, somado ao perfeccionismo, frequentemente gerava uma paralisia pelo medo de não atingir a excelência.

Uma de suas maiores vitórias pós-diagnóstico foi retomar hobbies, como a música, permitindo-se a imperfeição: “Hoje, se sair do jeito que der, está bom”, conclui.

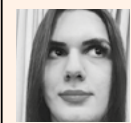
## Validação profissional e identidade

Para quem busca se encontrar ou criar conteúdo, Tabata enfatiza a importância de não esperar pela perfeição. “Os primeiros vídeos e textos nunca serão excelentes, e está tudo bem. O importante é começar”. No campo profissional, Alessandro aponta que o perfil autista pode encontrar solo fértil em carreiras jurídicas e no serviço público devido a características como foco intenso (capacidade de imersão em processos complexos); habilidade linguística (rigor na escrita e interpretação da lei) e apego a regras (ética profissional pautada pela estrutura institucional).

Ao compartilhar seu diagnóstico no trabalho, ele encontrou acolhimento. “Meu chefe disse

que também se identificava com os traços. Não somos poucos lá dentro”, conta. No entanto, ser bem-sucedido não anula a necessidade de suporte. Como esclarece Andressa Antunes, o desafio para profissionais de saúde e educação é deixar de olhar apenas para o que o indivíduo entrega, passando a observar como ele entrega e qual o preço emocional pago. A dupla excepcionalidade exige um olhar que valide simultaneamente o talento e a deficiência, garantindo que a inteligência não seja uma barreira para o cuidado.

Hoje, Alessandro encara o autismo como uma identidade legítima. O diagnóstico permitiu que ele parasse de pedir desculpas pelo seu jeito de ser, transformando o que antes era visto como uma “falha de conexão” em autoconhecimento. ■



Sophia Mendonça

é jornalista, doutoranda e uma das criadoras do canal Mundo Autista, no YouTube, tendo editado o livro “Neurodivergentes - Autismo na Contemporaneidade”.

[omundoautista.uai.com.br](http://omundoautista.uai.com.br)

## Conectamos empresas, entregamos confiança!

Com mais de 60 anos de experiência, a Jamef oferece soluções personalizadas em transporte rodoviário e aéreo por todo o Brasil, com agilidade, segurança e eficiência.



Acesse nosso site.



Leve sua empresa ainda mais longe com a Jamef.

# Diagnóstico de autismo em adultos

*Entre o alívio do autoconhecimento e os desafios clínicos*

✎ Texto por Selma Sueli Silva  
Ilustração: Revista Autismo

# A

convergência entre a pandemia e as atualizações na NR-1 (Norma Regulamentadora nº 1) — que passou a exigir o gerenciamento de riscos psicossociais no trabalho — gerou uma mudança profunda na comunidade autista. Se, por um lado, as empresas agora olham com mais atenção para a saúde mental, por outro lado, a pandemia intensificou uma resistência em parte do setor psiquiátrico no diagnóstico de adultos.

O receio gira em torno do aumento expressivo de laudos emitidos nos últimos anos. A resistência é tamanha que nossa reportagem encontrou dois casos de psiquiatras autistas que enfrentaram ceticismo dos próprios colegas antes de obterem seus diagnósticos. Por questões profissionais, ambos optaram pelo anonimato.



## A complexidade do diagnóstico tardio

Mas, afinal, por que diagnosticar o TEA em adultos ainda é um tabu? A Dra. Giovana Mol, psiquiatra e mestre em neurociências à frente da Clínica Allere Vita, explica que o cenário pós-pandemia é ambivalente: “A pandemia permitiu que muitos autistas se acomodassem ao isolamento, mas a retomada do contato social trouxe um aumento significativo do sofrimento.”, observa.

Ela pontua que a atualização do DSM-5 em 2013 foi o divisor de águas, detalhando melhor o “mascaramento” (*masking*) e as nuances do transtorno, o que aumentou a precisão clínica. Atualmente, psiquiatras, psicólogos e neurologistas formam o tripé diagnóstico. Mas, a Dra. Giovana faz um alerta: a familiaridade com o nível 1 de suporte é essencial, já que os sintomas podem ser sutis e altamente camuflados.

## Não é epidemia, é ciência

A Dra. Annelise Júlio-Costa, psicóloga e presidente da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBN), reitera que o aumento nos números não trata de um surto de autismo, mas de uma melhoria na aferição técnica.

**Refinamento:** antes, o autismo era frequentemente confundido com deficiência intelectual.

**Descritores:** hoje, existem critérios muito mais claros para o perfil de suporte nível 1.

**Impacto pandêmico:** o isolamento e a quebra de rotina escancararam características que sempre estiveram lá. “O autismo não é apenas um perfil de personalidade”, enfatiza Annelise.

## O custo da invisibilidade

Um dos maiores obstáculos ainda é o acesso. A avaliação neuropsicológica é um processo detalhado, demorado e de alta complexidade. Por ser

O diagnóstico traz consciência e justiça ao validar um sofrimento invisível



Selma Sueli

Jornalista e relações públicas, diagnosticada com autismo, autora dos livros “Minha Vida de Trás pra Frente”, “Dez Anos Depois”, “Camaleônicos” e “Autismo no Feminino”, mantém o site “O Mundo Autista” no Portal Uai e o canal do YouTube “Mundo Autista”.

f selmasueli.silva.7

ig selmasuelisilva

yt mundoautista

considerada um “exame complementar”, raramente possui cobertura integral pelos planos de saúde e é escassa no SUS, o que torna o diagnóstico, muitas vezes, um privilégio elitizado. Contudo, a avaliação, embora não seja obrigatória, é essencial em casos sutis.

A psiquiatra Giovana Mol cita como reação comum ao diagnóstico, a tristeza pelas situações sofridas devido ao transtorno e não cuidadas adequadamente, à época, bem como o alívio pela percepção de que a pessoa não deve se sentir culpada por tudo isso, como ela acreditava ser. Na área da psicologia, a neuropsicóloga Annelise destaca que as implicações do diagnóstico na vida adulta variam conforme o perfil dentro do TEA. Nos casos de autistas dos níveis 2 e 3, o diagnóstico correto, diferenciando o autismo da deficiência intelectual (que são distintos), permite orientar melhor o suporte e planejar a autonomia possível para aquela pessoa. Para autistas com nível de suporte 1, “o diagnóstico traz justiça ao validar esse sofrimento invisível e oferece autoconhecimento, direcionamento de intervenção para adaptar a terapia à estrutura autista”.

# Vozes do espectro: o despertar em diferentes fases

Para muitos, a suspeita não vem de um consultório, mas da identificação com o outro.

**O Professor:** Gustavo Henrique Rückert (37), docente na UFPel, casado e sem filhos, descobriu-se autista aos 32 anos. Assistiu a uma palestra de um colega de trabalho, autista, e se identificou instantaneamente. Pas-



sou, então, a estudar tudo sobre o assunto. A maior dificuldade, contudo, foi encontrar um médico qualificado e com conhecimento sobre autismo. A maior parte dos psiquiatras, segundo o professor, dizia simplesmente não ter interesse pelo assunto e que preferia focar em outras condições coexistentes com o TEA. Ao finalmente encontrar uma psiquiatra especialista, o diagnóstico foi rapidamente fechado. O professor doutor explica: “Com o diagnóstico, passei a entender o porquê de muitas reações e comportamentos a ambientes e situações que me eram hostis e eu nem percebia.”

Poeta com livros publicados e professor universitário, Gustavo, mesmo assim, confessa que o principal medo é o de não ter autonomia (seja emocional, psicológica ou financeira). Talvez por isso, tenha optado por tornar público o diagnóstico: “Atuo na docência, portanto achei que seria importante que a sociedade pudesse rever alguns estereótipos e perceber que autistas também podem ser professores ou qualquer outra coisa, inclusive utilizando a comunicação como instrumento de trabalho.”

**A Mentora:** Kátia Lima (39), empresária e terapeuta de PNL, teve seu estalo ao ou-



vir sobre a “bateria social” dos autistas em palestra da jornalista Sophia Mendonça. Curiosamente, ao buscar ajuda, descobriu que sua psiquiatra (que havia sido sua aluna) já suspeitava: “Parece que todo mundo sabia, menos eu”, conta com bom humor. Ela se julga uma pessoa de sorte com a área que escolheu para trabalhar: “A Programação Neurolinguística tem várias ferramentas de comunicação, de relacionamento. Dar aula foi uma coisa que me ajudou muito a lidar com pessoas. A PNL tem passo 1, passo 2, passo 3 de coisas concretas para você fazer e que realmente ajudam”.

**A Gestora:** Em 2020, a gerente de projetos, Darleise Cássia de Oliveira (47) começou a suspeitar de sua condição, após conversar com uma amiga autista. Passou a estudar o assunto e a entender o autismo nível 1 de suporte e a seguir várias mulheres autistas pelo Instagram. O mascaramento e a supressão do sentir, querer e pensar dificultaram a conclusão do diagnóstico, mas a psiquiatra



era muito experiente e conseguiu fechá-lo, depois de separar as condições coexistentes, como ansiedade, altas habilidades e hipervigilância, estresse pós-traumático, entre outras.

**A Personal Trainer:** Ana Carolina Oliveira (36) recebeu a confirmação no final de 2025. As suspeitas começaram com a pedagoga e ex-esposa. Mas a personal não levava muito a sério. Até que, no final de 2025, conheceu, pelo Instagram, a Fundação Dom Bosco em Belo Horizonte. Depois de algumas



avaliações realizadas por neuropsicólogas, a confirmação veio de forma objetiva e conclusiva. Ana Carolina lamenta que até o mês de janeiro ainda não tenha encontrado um psiquiatra especialista em TEA, principalmente para tratamento da ansiedade desenvolvida em função do esforço da camuflagem social. Ela foi diagnosticada também com altas habilidades e superdotação -- coexistentes com o autismo. Ana Carolina conta que ainda não se acostumou com o fato de ser uma PCD – Pessoa com Deficiência. Principalmente, para fazer valer os direitos que possui, garantidos por lei. Por isso, resolveu usar o cordão de reconhecimento do autismo: “Eu

Com o diagnóstico, passei a entender o porquê de muitas reações e comportamentos

acho que a ficha está caindo lentamente. Tem pouco tempo que eu descobri, mas ainda tenho muita dúvida. Não sei como será daqui para frente, mas acredito que cada vez mais vou trabalhar para normalizar esse diagnóstico na minha vida como mais uma das minhas características”.

## O papel da validação

Para quem recebe o diagnóstico tardio, o sentimento costuma ser uma mistura de luto pelo tempo sem suporte e alívio pela absolvição da culpa. Como definem as especialistas Giovana e Annelise, o diagnóstico para o nível I traz, acima de tudo, justiça. Validar esse sofrimento invisível permite que a pessoa pare de tentar se encaixar em moldes neurotípicos e comece a viver com a estrutura que realmente possui. E as especialistas reforçam: “o apoio familiar é fundamental”. ■



**Linha  
SNC**

**Biosintética**  
Prescrição

CUIDADO INTEGRAL  
PARA UMA SAÚDE MENTAL  
MAIS EQUILIBRADA



# Dia Mundial da Conscientização do Autismo 2026

*Autonomia se constrói com apoio*

 Texto por **Francisco Paiva Jr.**  
Ilustração: **Bera**

**N**o dia 2 de abril, o mundo volta os olhos para o autismo. No Brasil, a campanha nacional de 2026 tem um tema que é uma frase curta para um debate longo: “Autonomia se constrói com apoio”, usando a hashtag #RESPECTRO como ponto de encontro, unificando postagens e facilitando acessos para que a sociedade encontre iniciativas e informações.

O cartaz oficial traduz o tema sem rodeios: uma menina é lançada para cima por uma cama elástica segurada por três pessoas. A imagem sugere que a autonomia não nasce do “se virar”, mas do impulso certo, na hora certa, com sustentação. “É um orgulho poder desenhar uma campanha que atinge o Brasil todo”, destacou o designer e ilustrador Alexandre Beraldo, autor da arte e do projeto gráfico da campanha. Na capa desta

edição ainda temos a releitura do cartaz feita pelo Fábio Sousa, o “Tio Faso”, um homem autista, pai de autista e um artista talentosíssimo.

## Autonomia

No transtorno do espectro do autismo (TEA), a autonomia costuma ser confundida com independência total. E essa confusão pesa, sobretudo, sobre quem precisa de mais suporte. Autonomia, aqui, não significa fazer tudo sozinho, nem alcançar um padrão único. Significa ampliar, com segurança e dignidade, as possibilidades reais de cada pessoa autista para fazer escolhas, expressar preferências e participar das decisões sobre a própria vida, de acordo com suas necessidades de apoio (nível de suporte) e condições associadas.

Falar em “potencial máximo” não é empurrar uma régua de desempenho para famílias e pessoas autistas. É evitar que limites pré-concebidos — ou a falta de acessibilidade e apoio — determinem o tamanho da vida possível. Em alguns casos, autonomia pode ser escolher a própria roupa; em outros, pactuar uma rotina de trabalho; em outros ainda, comunicar “sim” e “não” com recursos alternativos e ter essa comunicação respeitada.



# O marco do Censo 2022

No ano passado, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, pela primeira vez, um número oficial de pessoas diagnosticadas com autismo no país: 2,4 milhões, o equivalente a 1,2% da população. Entre crianças de 5 a 9 anos, a proporção chegou a 2,6% — cerca de 1 em 38. O dado não explica tudo, mas muda o patamar da conversa. A partir de agora, fica difícil negar que o autismo passa a ser, também, assunto de planejamento, responsabilidade social e políticas públicas.

Esse marco ajuda a nomear o que muitas famílias já sabem na prática: apoio não é “privilegio”, é condição de

acesso. Sem rede, autonomia vira discursos. Com rede, vira caminho. E o caminho é diferente para cada pessoa no espectro.

## Supermercado

Com meu filho, Giovani (autista nível 1 de suporte, hoje com 18 anos), a autonomia não apareceu como um salto, mas como uma sequência de impulsos repetidos até virarem repertório em algumas áreas — e ainda há muitas outras a serem desenvolvidas. Treinar entrevista de emprego foi menos sobre respostas perfeitas e mais sobre previsibilidade: simular perguntas, moldar o “nível de honestidade”, combinar estratégias para quando ele ficasse confuso e lembrar que pedir esclareci-

mento também é uma habilidade social legítima (se você ainda não viu, veja nossa simulação de entrevista de emprego no TikTok, no perfil @@f.paiva.jr, que ficou divertida).

O treino para ele ir sozinho ao supermercado foi outro capítulo da mesma lógica. No começo, o objetivo não era “fazer compras”, era comprar qualquer coisa, só para atravessar o processo inteiro — entrar, localizar um item, passar no caixa e voltar para casa. E isso sempre em um ambiente controlado, sem urgência: nenhum item era uma necessidade real. Se desse tudo errado, ele podia simplesmente desistir e ir embora, sem comprar nada. Essa condição funcionava como um “botão de pânico” que ele sabia que podia acionar a qualquer momento — e isso, por si só, já reduzia a ansiedade. Com o tempo, fomos elevando um degrau na complexidade: itens mais difíceis de en-



Ilustração: Alexandre Beraido (Bera)

**2,4M**  
de diagnósticos  
de TEA há no  
Brasil (IBGE)

**1 em 31**  
é a prevalência  
nos EUA,  
em crianças  
de 8 anos (CDC)

**2007**  
foi o ano que a  
ONU declarou  
2 de abril como  
Dia Mundial de  
Conscientização  
do Autismo

contrar (como orégano, que não é tarefa fácil nem para mim!), mais autonomia para decidir substituições e mais tolerância a imprevistos.

Em uma das idas, ele já estava na fila quando uma criança começou a chorar muito alto. O incômodo sensorial foi imediato, e ele quase desistiu. Mas aguentou mais um pouco, lembrando do combinado: ele podia sair se precisasse, e também podia esperar alguns segundos antes de decidir. A criança se acalmou, ele passou no caixa, pagou e foi embora.

De listas simples a rotas e “o que fazer se...”, ele foi ganhando autonomia para lidar com mudanças e imprevistos — produto que acabou, fila que muda, um atendente impaciente, uma falha no sistema de pagamento. Não é independência total. É a autonomia possível: circular no mundo com mais segurança, menos ansiedade e mais escolha. Esse treino começou há três anos e continua até hoje, sempre subindo um degrau na complexidade da tarefa.

## Uma ‘sem apoio’ e outra ‘com apoio’

A artista plástica Maria José Jessica da Silva, conhecida nas redes sociais como “Jessye Blue”, mulher autista de 33 anos, moradora de Jacaraú (PB), descreveu o tema a partir do próprio cotidiano. “Autonomia para mim, como ela se constrói com apoio, é muito, muito importante falar sobre isso, porque eu mesma sou uma ‘Jessy sem o apoio’ e outra ‘Jessy com o apoio’. Quando se constrói pontes, nós alcançamos o outro lado, né? E é nisso que acredito. Antes, sem o apoio necessário, sem o que eu necessitava, até mesmo as minhas habilidades, muitas estavam adormecidas. Minha maneira de expressar a minha adaptação ao próprio mundo, ao ambiente... Com apoio, hoje eu posso mais. Eu posso realmente florescer, sabe?”, explica Jessye.

Ela também falou sobre aprender limites e proteção sem recuar do que é importante: “O autismo ainda me traz muitos desafios, porque ele não diminui com o tempo. A gente só vai aprendendo como nós mesmos funcionamos. E as pessoas vão

também nos ensinando como é o nosso próprio limite. Tendo autonomia, eu aprendi também a me respeitar. Aprendi a não recuar nas coisas difíceis, mas também não ultrapassar meu limite. Vi que eu não estava só, que as pessoas fundamentais e importantes nessa caminhada são cruciais para o meu maior desenvolvimento”, avalia Jessye.

Autonomia, portanto, não é meta individual; é construção coletiva. E “apoio” não é uma palavra genérica nesse contexto: pode ser comunicação acessível, escola inclusiva, saúde com continuidade, auxílio para o autocuidado, ambiente de trabalho com ajustes razoáveis, políticas públicas que funcionem e uma sociedade que respeite diferenças sem reduzir pessoas a rótulos.

Mais informações e materiais de divulgação da campanha estão em [CanalAutismo.com.br/dia-mundial-campanha](http://CanalAutismo.com.br/dia-mundial-campanha); e também na página institucional do Dia Mundial de Conscientização do Autismo: [CanalAutismo.com.br/DiaMundial](http://CanalAutismo.com.br/DiaMundial). ■





**2 de abril**  
Dia Mundial da  
Conscientização  
do Autismo

# 02 de Abril

Dia Mundial da  
Conscientização do

# Autismo

Autonomia



**se constrói  
com apoio.**

**#RESPECTRO**



**2026**

Uma Campanha

R E V I S T A

**ASISM**

[CanalAutismo.com.br/diamundial](http://CanalAutismo.com.br/diamundial)

Uma campanha

REVISTA  
**AUTISMO**

Quer desvendar  
os mitos e as  
características  
do autismo?

Um livro ideal  
para quem acabou  
de receber o diagnóstico  
ou tem dúvidas sobre ele.



COLUNA

AU  
TIS  
MO &  
LIBER  
DADE

O som do  
trovão

## Cindy Dalfovo



é autista, ativista,  
palestrante, graduada  
em direito e mestre  
em educação.

 cindyautista

A premissa de uma história de terror: era uma noite escura e tempestuosa, e eu estava sem meus abafadores de ruído.

Em uma tempestade recente, dei-me conta do que acontecia em meu corpo conforme o barulho persistia muito acima dos meus limites: meus batimentos aceleraram, meu peito se apertou e doeu, minha mente ficou perturbada. Ficou, de repente, muito difícil me concentrar e pensar com clareza, minha mente envolvida em um ciclone: pensamentos sendo arremessados com violência para todos os lados sem que eu conseguisse agarrar qualquer um deles.

Essa situação absolutamente desesperadora me é familiar como uma manhã de terça-feira: já a vivenciei nas escolas, nos mercados, nas festas e em minha própria casa. E, ainda assim, sou pega de surpresa quando me dou conta de que estar assim corrói meus pensamentos e me faz pensar apenas em lutar ou fugir. Dizendo claramente: sou tomada de uma vontade violenta de me agredir, de me machucar e de atingir quem estiver no meu caminho.

Tenho lido relatos de outras pessoas autistas sobre porque se machucam em momentos de crise, e sinto que eles ecoam meus próprios sentimentos: a dor física alivia a dor da crise, os arranhões e marcas na pele extravasam o tornado violento que se movimenta dentro de mim.

Nunca fui uma pessoa agressiva nem autolesiva, mas apenas porque eu consumo todas as minhas forças para controlar o ímpeto que surge nesses momentos. Mas isso tem um custo: a violência que eu contendo em mim me machuca por dentro, com uma intensidade muito maior do que as marcas visíveis na pele.

O ímpeto de agredir os outros surge quando meu corpo desesperado sente-se impedido de escapar da situação, ou quando sente que a pessoa está piorando a crise. Tentar restringir movimentos, gritar, falar e dar ordens são algumas das coisas que podem provocar esse sentimento.

A cena de uma pessoa autista tapando os ouvidos e correndo para longe de lugares

movimentados é quase um clichê e se encontra no imaginário de boa parte da população. Mas, quem apenas vê a cena, não compreende o que se passa no íntimo dessa pessoa autista. Não percebe que seus batimentos cardíacos se aceleram, seu peito dói, sua cabeça pulsa dolorosamente enquanto pensamentos acelerados se repetem: PERIGO! PERIGO! PERIGO!

Cada um de nós possui certos limites, que dependem de nossos corpos e de nossas histórias de vida.

Um limite familiar para a maioria das pessoas: ao encostar a mão em algo muito quente, recuamos rapidamente. Eu quero que você pense nesse instante e imagine que alguém segure sua mão sobre o metal quente, impedindo esse movimento de auto proteção. Você consegue imaginar o que se passaria em seu corpo e sua mente nesse momento?

Você consegue imaginar que tipo de pessoa você se tornaria se isso acontecesse com você todos os dias?

Será que as pessoas podem aprender que abafadores de ruído, espaços mais silenciosos e o cuidado com o outro para evitar barulhos desnecessários são formas simples e que custam muito pouco para ajudar a evitar esse tipo de sofrimento? Eu espero que sim. ■

COLUNA

TRA  
BA  
LHO  
NO  
ESPE  
CTRO





Inclusão  
profissional  
de pessoas  
autistas em  
2026: avanços  
no discurso,  
limites na  
prática



## Marcelo Vitoriano



é psicólogo, especialista em terapia cognitivo-comportamental e mestre em psicologia da saúde, atuou na gestão de diversidade e inclusão na Sodexo Brasil e atualmente é CEO da Specialisterne no Brasil, organização dinamarquesa presente em 23 países dedicada à inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho.

 [specialisterneBrasil](#)  
 [specialisterne\\_br](#)  
 [Specialisterne-Brasil](#)  
 [specialisternebrasil.com](#)

Em 2025, verificamos que a inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho tornou-se um tema mais presente no planejamento de áreas de Diversidade, Equidade e Inclusão.

Entretanto, na prática, muitas empresas abrem somente vagas para perfis altamente elaborados, o que restringe uma maior equidade de oportunidades para pessoas com todos os perfis dentro do espectro. Acho que esta questão é a mais importante para quem atua na inclusão de pessoas autistas e deve nortear esforços de toda a sociedade.

Esse cenário é agravado com o avanço da inteligência artificial que tem eliminado atividades de média complexidade, funções que historicamente eram uma excelente opção para pessoas que estavam iniciando sua vida profissional. Dessa forma, o mercado de trabalho está reduzindo drasticamente um espaço de transição para um aprendizado gradual e mais tolerante para pessoas em início de carreira.

Esse movimento de foco total em alta performance, não se dá especificamente para as pessoas autistas, atinge as pessoas neurotípicas também. O sistema produtivo atual tem adoecido pessoas neurotípicas e neuroatípicas. Em 2025, boa parte dos trabalhadores no Brasil relataram sintomas de exaustão relacionados ao trabalho. Cerca de 30% dos trabalhadores tiveram um diagnóstico de burnout (síndrome resultante de estresse crônico mal gerenciado no trabalho), o que aponta um grave problema de saúde mental. Essa exaustão emocional impacta muito mais as pessoas autistas e por isso temos que olhar com muito cuidado a questão do burnout, já que ele tem um custo emocional gigantesco para as pessoas autistas.

Apesar deste meu olhar um pouco pessimista, mas realista, acredito fortemente que há esperança, pois muitas grandes empresas já redesenham seus processos buscando receber pessoas com diferentes perfis e necessidades de suporte. Posso testemunhar centenas de pessoas incluídas com cuidado, profissionalismo, acolhimento e consequentes resultados efetivos, com profissionais iniciando sua carreira e se mantendo no mercado de trabalho. Mas é importante refletir que esse problema não pode ser apenas das pessoas autistas ou das empresas. Neste ano de eleições, precisamos eleger aliados reais ao tema e não políticos que apenas apareçam no dia 2 de abril para fotos, mas que se comprometam com ações efetivas e investimentos em políticas públicas para empregabilidade e inclusão de todo o espectro. ■



# Autismo na terceira idade

## *A geração esquecida*



Texto por **Fatima de Kwant**

Ilustração: **Bera**

**R**ecentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou a incidência de 2,4 milhões de pessoas com diagnóstico de transtorno do espectro do autismo (TEA) no Brasil, o que equivale a 1,2% da população total. Em adultos a partir de 20 anos, a prevalência varia entre 0,8% e 1,0%. Estima-se, portanto, que entre 1,3 e 1,6 milhão de adultos brasileiros tenham diagnóstico de autismo.

Entre esses milhões de brasileiros, existe um grupo quase invisível: os idosos autistas, que passaram a vida inteira sem nomear as próprias diferenças por simples desconhecimento da sua condição.

Muitos autistas mais velhos — cerca de 50% — que nunca tiveram a oportunidade de ter seus sinais avaliados buscam, atualmente, um diagnóstico. Uma das razões é a conscientização global de que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento ao longo da vida. Isso significa que o autismo não é “coisa de criança”, mas uma condição que acompanha o indivíduo desde o nascimento até o fim da sua existência.

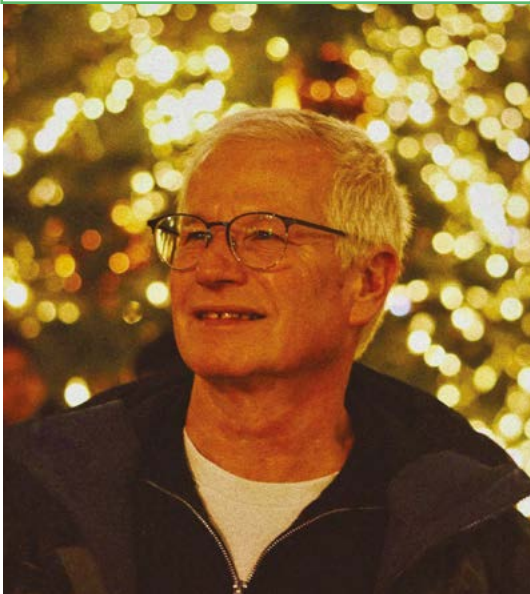
## Características do autismo em pessoas mais velhas

Embora o autismo seja frequentemente diagnosticado na infância, algumas características podem não ter sido identificadas até a vida adulta.

Autistas adultos com alta funcionalidade no cotidiano, especialmente aqueles com características menos visíveis — como déficits sutis de comunicação e comportamentos discretos — podem apresentar os seguintes sinais:



- ✓ Ansiedade em situações novas ou imprevisíveis
- ✓ Isolamento social (estima-se que cerca de 40% dos autistas idosos passem pouco ou nenhum tempo com amigos)
- ✓ Solidão e sensação de alienação
- ✓ Apego a rotinas e dificuldade com mudanças
- ✓ Interesses intensos e específicos
- ✓ Dificuldades nas funções executivas (organização, planejamento e priorização)



Crédito: álbum pessoal

Brian Bird, ativista inglês, autista idoso.

Hoje não é surpresa encontrar famílias em que crianças, pais e avós estejam no espectro do autismo

## A maçã não cai longe do pé

Há cerca de uma década, tornou-se comum que pais e mães de crianças autistas recebessem seus próprios diagnósticos após profissionais que acompanhavam seus filhos sugerirem uma avaliação. Especialistas em TEA, por vezes, reconheciam características da condição em um ou em ambos os pais, nunca identificadas na infância ou adolescência. O diagnóstico dos filhos funcionava como um espelho.

Internacionalmente, esse fenômeno passou a ser debatido à medida que estudos científicos confirmavam taxas entre 97% e 99% de influência genética e cerca de 81% de hereditariedade no TEA, o que explica a presença de pessoas autistas de diferentes gerações dentro de uma mesma família.

Atualmente, já não é surpresa encontrar famílias em que crianças, pais e avós estejam no espectro do autismo, ainda que com níveis de suporte distintos.

Arthur, pai de uma criança autista, revela como gerações inteiras foram rotuladas de uma forma muito equivocada:

“Minha mãe sempre falou do irmão — meu tio — como o ‘esquisito’ da família. Achavam que ele era deficiente intelectual e, antes dos 15 anos, foi internado em um sanatório para doentes mentais. Hoje, com toda a informação que temos, eu diria que meu tio era autista, mas ninguém sabia.”

## Experiências pessoais de autistas idosos

### Brian Bird

O ativista inglês Brian Bird, autista, de 65 anos, pai de dois filhos adultos também autistas, recebeu o diagnóstico de TEA aos 50 anos. Desde então, tornou-se um porta-voz internacional da causa, compartilhando sua experiência pessoal por meio de palestras e da plataforma Autism Support Community.

“O problema é ficarmos invisíveis na terceira idade. Nossos traços e comorbidades podem se intensificar, e o burnout e a ansiedade tornam-se mais difíceis de controlar”, afirma o ativista.

Brian destaca que autistas idosos carregam uma riqueza e diversidade de experiências, além de um

**40%**

dos autistas idosos passam pouco ou nenhum tempo com amigos

**97%  
a 99%**

do risco de alguém nascer autista é genético

**81%**

desse risco genético é hereditário

**1,6 M**

de adultos brasileiros têm diagnóstico de autismo, aproximadamente (IBGE)

histórico de traumas que não pode mais ser ignorado pela sociedade. Esse apagamento tem consequências profundas.

Reconhecer essa geração é um passo essencial para reparar décadas de negligência e construir políticas públicas que contemplem o envelhecimento autista com dignidade, como resume o ativista na seguinte frase:

“O autismo não acaba aos 18 anos nem termina aos 60.”

### Ana Rodrigues

Ana Rodrigues, 62 anos, funcionária pública e criadora da plataforma Elas Autistas, voltada para mulheres autistas adultas, recebeu seu diagnóstico aos 58 anos.

“Ser uma mulher autista idosa é carregar no corpo e na mente as marcas de décadas vividas sem respostas e sem adaptações. Passei anos mascarando, atravessando crises sensoriais em silêncio, convivendo com a solidão e com a tentativa constante de corresponder ao que esperavam de mim. Viver a velhice como mulher autista é sustentar essa coexistência entre desgaste físico e emocional profundo e a possibilidade tardia — mas real — de nomear a própria vivência e me reconstruir, apesar da falta de suporte institucional e da invisibilidade das mulheres autistas idosas.”

Muitos desses autistas aprenderam, ao longo da vida, a camuflar comportamentos repetitivos na presença de outras pessoas. A constante camuflagem social é apontada como uma das principais causas do burnout autista. O hábito de mascarar sinais considerados atípicos é uma dificuldade enfrentada pela maioria até o momento do diagnóstico.

## A geração esquecida

Autistas diagnosticados tardiamente são conhecidos como “a geração esquecida”. São pessoas que passaram décadas sem saber que seu neurodesenvolvimento atípico tinha uma definição.

Descobrir o autismo na vida adulta pode ser tão libertador quanto angustiante. Embora muitos relatem alívio e clareza após o diagnóstico, idosos autistas frequentemente vivenciam um processo emocional complexo. Afinal, viveram grande parte da vida sem conhecer uma dimensão central de sua identidade.

Muitos foram rotulados como “excêntricos”, “tími-

## O indivíduo precisa reaprender a se conhecer e a se aceitar como neurodivergente

dos” ou “difíceis”. Após anos de desafios pessoais, sociais, profissionais e relacionais, questionam como conseguiram suportar tantos obstáculos sem o suporte de que, certamente, necessitavam. Esse embate pode gerar dúvidas profundas e um luto identitário, no qual o indivíduo precisa reaprender a se conhecer e a se aceitar como neurodivergente depois de uma vida inteira de desconhecimento sobre si mesmo.

## Autismo não é raro nem recente

Na busca por informações científicas, depara-se com um cenário ainda pouco representativo de pesquisas sobre o autismo na terceira idade. A maioria dos estudos utiliza amostras pequenas, frequentemente recrutadas em clínicas ou grupos de apoio. Isso significa que os dados refletem, em grande parte, autistas que já têm algum acesso a serviços ou redes de suporte, deixando de fora aqueles que vivem em completo isolamento.

Se mesmo os que chegam às pesquisas relatam altos níveis de solidão e negligência, o que dizer daqueles que nunca chegam?

Idosos autistas têm vivido sozinhos, sem rede de apoio adequada. As barreiras sensoriais e sociais



permanecem, e mudanças significativas de rotina — como viuvez, aposentadoria e outros desafios próprios da terceira idade — tendem a aumentar os níveis de ansiedade e isolamento social.

Permanece urgente a ampliação de estudos, estratégias de detecção, acompanhamento e direcionamento específico para pessoas autistas idosas, para que, nessa última fase da vida, possam finalmente acessar compreensão e adaptações que lhes foram negadas na juventude.

É preciso olhar para trás para não repetir os mesmos erros no futuro — começando por dar voz a quem passou a vida inteira silenciado.

O envelhecimento autista não é apenas uma questão de saúde pública, mas de dignidade humana. ■

### Centros de pesquisas mais relevantes do transtorno do espectro do autismo em idosos:

- UCL – University College London (William Mandy, Jiedi Lei)
- King's College London – Institute of Psychiatry
- UNC TEACCH Autism Program (Laura Klinger)
- Universidades com foco em gerontologia e neurodesenvolvimento



**Fátima de Kwant**

é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo.

	Autimates
	fatimadekwant
	autimates@gmail.com
	www.autimates.com

## Enviar encomendas para o Chile ficou duas vezes mais fácil

Agora, a Azul Cargo conta com dois voos semanais entre São Paulo e Santiago para fortalecer ainda mais o seu negócio.



**Azul cargo**  
**Express**



# Em estudo inédito nos EUA, 1º autista recebe dose de terapia genética

*Clinical Trial está sendo feito com tecnologia desenvolvida pelo Muotri Lab, da UCSD*

Texto por **Paiva Jr.** ✍️ Ilustração: **Depositphotos**

Um marco importante para a ciência aconteceu em fevereiro último: pela primeira vez no mundo, um autista recebeu uma dose de terapia genética (ou gênica). O comunicado foi feito no dia 25.fev.2026, nos Estados Unidos, pelo laboratório farmacêutico Mahzi Therapeutics, usando tecnologia desenvolvida pelo Muotri Lab, da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD). A dose é parte do estudo clínico chamado “Unite”, um clinical trial de fase 1/2 da terapia gênica MZ-1866, a partir da pesquisa de minicérebros (organoides cerebrais), especificamente desenhada para um tipo de autismo sintromico, a síndrome de Pitt-Hopkins, que afeta um único gene, o TCF4. O paciente é um autista nível 3 de suporte.

O estudo é liderado pelo neurocientista brasileiro Dr. Alysson Muotri, professor da faculdade de medicina da UCSD, que comemorou: “O primeiro indivíduo do espectro autista nível 3 a ser tratado em um ensaio clínico é um marco importante para a validação da estratégia de terapia genética (uma substância que vai agir diretamente no gene específico) para o TEA. Ainda mais relevante é que tudo isso foi descoberto usando um modelo humano, os organoides cerebrais, que são gerados em laboratório

a partir das células dos próprios pacientes. Com o ensaio clínico, avaliaremos qual o impacto dessa estratégia no cérebro, quais sintomas podem ser revertidos e se há algum efeito colateral inesperado nesse tipo de abordagem. Já não é mais um sonho distante; está se tornando realidade.”, disse Muotri, que também é cofundador da startup Tismoo no Brasil, com exclusividade à **Revista Autismo**.

O estudo Unite (fase 1/2) é um ensaio multicêntrico, aberto e global, que avalia a segurança, tolerabilidade e eficácia preliminar de uma única dose de MZ-1866 em pacientes com mutação confirmada no gene TCF4. Ele planeja incluir cerca de 12 participantes em três países — EUA, Israel e Espanha —, com administração intracerebroventricular (uma aplicação de um medicamento ou terapia diretamente no interior dos ventrículos cerebrais, espaços cheios de líquido cefalorraquidiano no cérebro). Veja mais informações sobre o estudo no site ClinicalTrials.gov, sob o código “NCT07135050”. ■

Leia a versão estendida desta reportagem no site [CanalAutismo.com.br](http://CanalAutismo.com.br), lendo o QR-code na página do índice desta edição.

## curso em vídeo

Aprenda informática com cursos grátis feitos por especialistas

Criação de sites, Programação, Word, Excel e muito mais.

GUSTAVO GUANABARA

curso em vídeo  
[cursoemvideo.com](http://cursoemvideo.com)

# Autismo não é evolução do cérebro humano

*O que a ciência realmente diz*

Texto por **Paulo Liberalesso**  
Ilustração: **Depositphotos**

**N**as últimas semanas, ganhou espaço nas redes sociais a afirmação de que o transtorno do espectro do autismo (TEA) poderia representar uma “evolução biológica do cérebro humano”. Essa leitura, além de equivocada, não corresponde ao que está descrito nos estudos científicos citados para sustentar tal interpretação.

Embora o debate sobre neurodiversidade e variações cognitivas seja legítimo, necessário e socialmente relevante, confundir esses conceitos com evolução biológica adaptativa representa um erro teórico grave. Do ponto de vista neurocientífico e evolutivo, o autismo não pode ser classificado como um produto de evolução biológica positiva — e há razões claras e bem estabelecidas para isso.



# Evolução biológica e critérios científicos

Na biologia evolutiva, um traço só pode ser considerado resultado de seleção natural positiva se ele aumentar a sobrevivência, o sucesso reprodutivo ou oferecer uma vantagem adaptativa consistente em determinado ambiente. Esses critérios são objetivos, mensuráveis e amplamente descritos na literatura científica.

O autismo não atende a nenhum desses critérios. Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento associado, em grande parte dos indivíduos, a déficits persistentes na comunicação social, dificuldades de reciprocidade social, prejuízos funcionais adaptativos relevantes, maior risco de comorbidades clínicas e redução global de autonomia. Essas características, em média populacional, não aumentam a sobrevivência nem o sucesso reprodutivo.

É fundamental lembrar que transtornos são definidos pelo impacto negativo no funcionamento adaptativo, e não pela simples existência de diferenças cognitivas. A presença de pessoas autistas com habilidades específicas preservadas — ou mesmo superiores em determinados domínios — não invalida o diagnóstico, assim como a existência de pessoas com deficiência intelectual altamente adaptadas não transforma a deficiência em vantagem evolutiva.

Diferença cognitiva não é sinônimo de adaptação biológica.

## O que a genética mostra

A própria genética do autismo contradiz a hipótese de evolução adaptativa. Os dados são claros ao demonstrar alta heterogeneidade genética, com grande parte dos casos envolvendo mutações de novo (mutações que não foram herdadas) rearranjos cromossômicos e variantes raras de alto impacto.

Mutações de novo, por definição, não são transmitidas de forma adaptativa ao longo das gerações. Esse padrão genético é incompatível com a noção de seleção natural positiva e reforça o entendimento do TEA como uma condição multifatorial associada à vulnerabilidade do neurodesenvolvimento humano.

Outro equívoco recorrente é confundir neurodiversidade com seleção natural. Neurodiversidade é um conceito social, ético e político, voltado à promoção de respeito, inclusão e direitos — o que é absolutamente correto e necessário. No entanto, neurodiversidade não implica vantagem evolutiva, assim como respeito social não altera critérios científicos.

Misturar esses campos enfraquece tanto a ciência quanto a própria defesa da inclusão.

O que a ciência permite afirmar, de forma responsável, é que o cérebro humano é altamente complexo e, justamente por isso, vulnerável. A ampliação de circuitos cognitivos ao longo da evolução aumentou também o risco de disfunções do neurodesenvolvimento.

Nesse contexto, o TEA pode ser compreendido como um efeito colateral do ganho de complexidade neurobiológica da espécie humana — não como um avanço evolutivo. Trata-se de uma condição multifatorial, com custos adaptativos evidentes, e não de um estágio superior de organização cerebral.

## Ciência sem romantização

Rotular o autismo como uma “evolução” do cérebro humano minimiza o sofrimento real de crianças e famílias, deslegitima a necessidade de intervenções baseadas em evidência, alimenta o negacionismo terapêutico e cria falsas expectativas científicas. Além disso, confunde pais, educadores e formuladores de políticas públicas.

A ciência responsável não romantiza transtornos neuropsiquiátricos.

Reconhecer a dignidade, o valor humano e os direitos das pessoas autistas é sempre essencial. Mas respeito não pode servir de justificativa para distorção científica. Autismo não é, sob nenhuma definição rigorosa, uma evolução biológica do cérebro humano. É um transtorno do neurodesenvolvimento, resultante da complexidade genética e neurobiológica da nossa espécie. ■



Paulo Liberalesso

é médico neuropediatra, mestre em neurociências e doutor em distúrbios da comunicação humana.

pauloliberalesso

‘de novo’ termo em latim para mutações genéticas não herdadas.

**seleção natural** evolução tem que: aumentar sobrevivência, ter sucesso reprodutivo ou vantagem adaptativa.

**neurodiversidade**

é um conceito social, ético e político, voltado à promoção de respeito, inclusão e direitos.



# Os desafios da alfabetização no autismo

*O que ninguém conta para as famílias*



Texto por **Kátia Oliveira**



Ilustração alfabeto: **Revista Autismo**

Ilustração personagem: **Carmen Dalida**

# A

alfabetização é um processo desafiador para qualquer criança, mas quando falamos de crianças autistas, as barreiras podem ser ainda maiores. Muitos pais e educadores acreditam que basta apresentar o alfabeto, os números e algumas palavras para garantir que a criança se alfabetize. No entanto, essa abordagem ignora aspectos fundamentais que impactam diretamente no aprendizado.

# Principais obstáculos

A dificuldade na alfabetização de crianças autistas está ligada a três fatores principais:

**Desafios na interação social e na comunicação:** a alfabetização vai muito além de reconhecer letras e números. Ela exige compreensão, interpretação e interação com o meio. Muitas crianças autistas têm dificuldades na comunicação, o que pode limitar o interesse e a participação em atividades pedagógicas.

**Falta de interesse em atividades escolares:** o aprendizado tradicional, baseado em folhas de atividades e repetição mecânica, muitas vezes não engaja as crianças autistas. Isso porque elas aprendem de forma diferente, precisando de experiências mais sensoriais e interativas.

**A hiperlexia mal compreendida:** algumas crianças autistas apresentam hiperlexia, ou seja, conseguem reconhecer letras, números e até ler palavras e frases desde muito cedo. No entanto, isso não significa que estão alfabetizadas. A alfabetização funcional envolve não apenas decodificar símbolos, mas compreender o que está sendo lido. Essa diferença pode frustrar pais e professores que esperam que a criança leia e compreenda automaticamente.

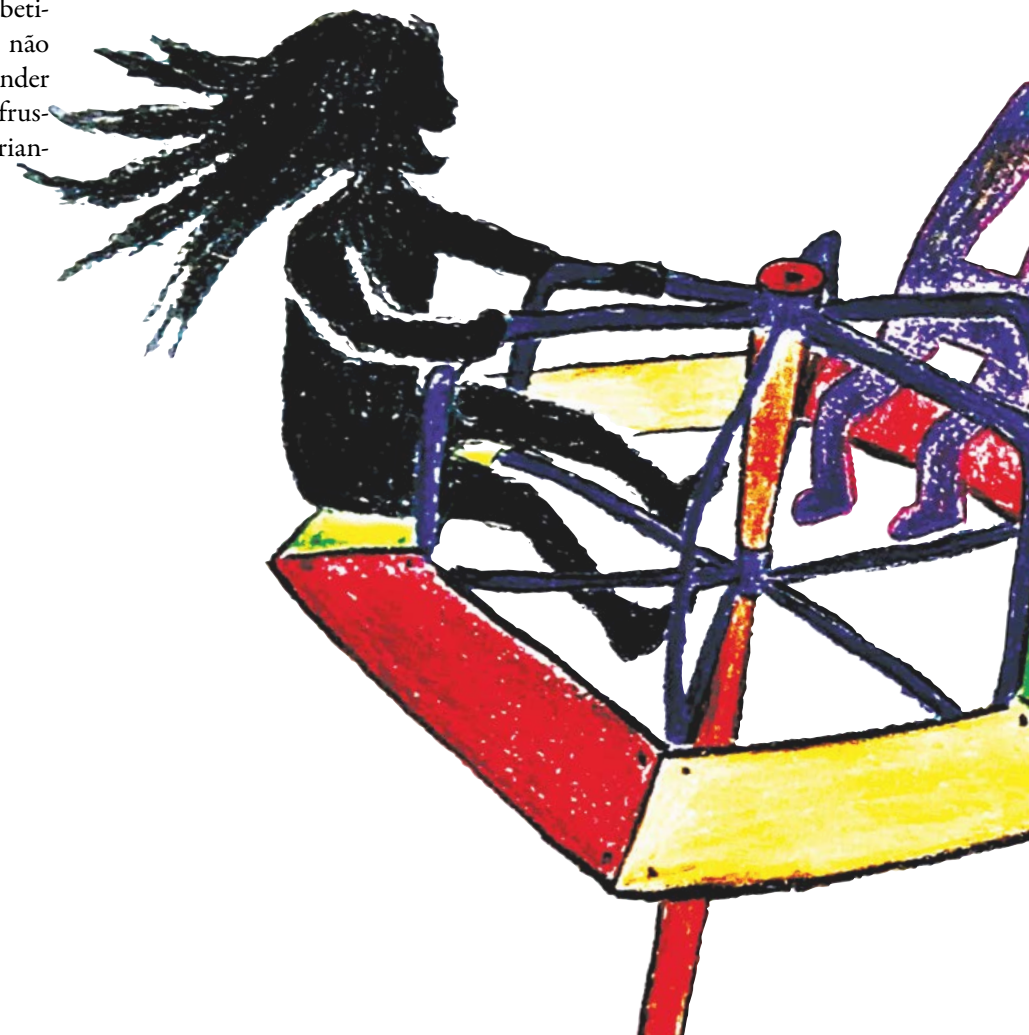
## 40

habilidades prévias são necessárias para o processo de alfabetização

## 4

aspectos que a criança precisa desenvolver: coordenação motora fina; percepção visual; organização espacial e temporal; vocabulário auditivo e expressivo.

O aprendizado tradicional muitas vezes não engaja as crianças autistas



# Abordagens tradicionais

A maioria dos métodos tradicionais de alfabetização foca apenas na escrita e na leitura, ignorando habilidades preditoras fundamentais. Antes de pegar no lápis, a criança precisa desenvolver aspectos motores e sensoriais, como:

- Coordenação motora fina (pegar, amassar, torcer, pinçar, recortar);
- Percepção visual (distinguir formas, cores, tamanhos);
- Organização espacial e temporal (entender direção, sequência e ritmo);
- Vocabulário auditivo e expressivo (ouvir e compreender para depois expressar).

Sem essas habilidades bem desenvolvidas, a escrita e a leitura se tornam processos mecânicos, sem significado real para a criança.

# Alfabetização multissensorial

Diante dessas dificuldades, é essencial utilizar métodos que respeitem a individualidade e o tempo da criança. A alfabetização multissensorial é uma abordagem que utiliza diferentes canais de aprendizagem (visual, auditivo, tátil e cinestésico) para tornar o processo mais envolvente e eficiente. Algumas estratégias incluem:

- **Letras em alto-relevo:** a criança sente a forma das letras com os dedos, conectando o tátil ao visual.
- **Brincadeiras com areia, massinha e pintura:** Isso fortalece a coordenação motora e prepara para a escrita.
- **Uso de histórias e imagens:** trabalhar a compreensão antes da leitura mecânica.
- **Movimento e corpo:** Aprender letras e palavras através de atividades que envolvam o corpo, como formar letras com o próprio corpo ou desenhá-las no ar.

# Como preparar a criança

Antes de ensinar a escrever, precisamos fortalecer a base. O processo de alfabetização começa muito antes do contato com as letras e requer mais de 40 habilidades prévias, dentre essas habilidades fundamentais estão a organização espacial e temporal, o vocabulário auditivo e expressivo, a atenção e a coordenação motora fina.

No entanto, a percepção visual é a mais importante para iniciar esse processo. Muitas crianças autistas apresentam hiperfoco em objetos específicos, e sem uma percepção visual bem trabalhada, seus interesses podem permanecer restritos. É a percepção visual que amplia esse repertório, permitindo que a criança explore novos estímulos e desenvolva interesse pela alfabetização de forma natural.

Se há um conselho essencial para pais e educadores, é este: a pressa atrapalha. Antes de cobrar a escrita e a leitura, ajude a criança a explorar o mundo de forma rica e significativa. O aprendizado virá de forma natural e prazerosa, respeitando seu ritmo e suas necessidades.

A alfabetização não é um destino final, é um processo. E para crianças autistas, esse caminho precisa ser adaptado e respeitoso, para que elas possam realmente aprender e se expressar com autonomia e segurança. ■



KATIA OLIVEIRA

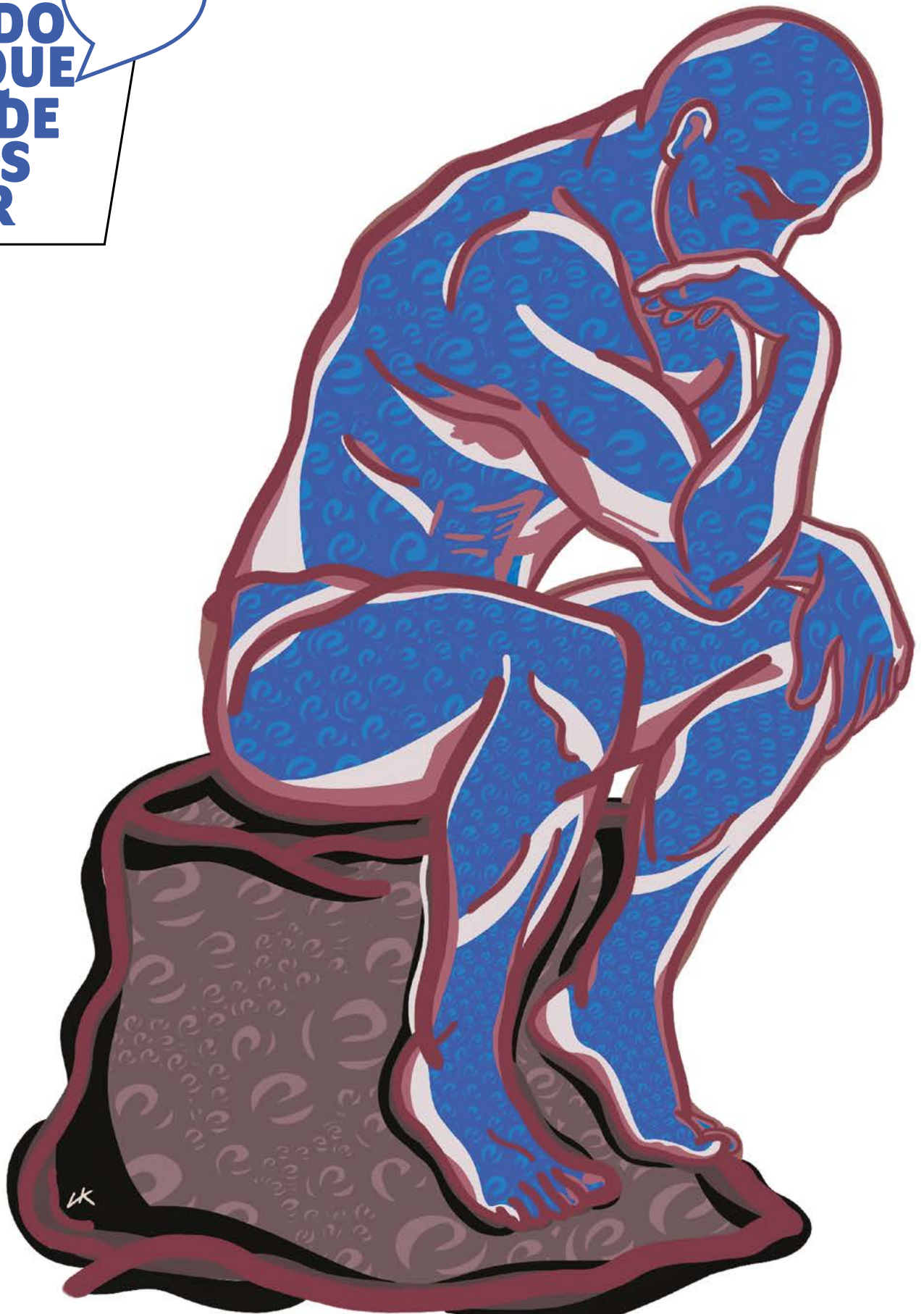
**Neuropsicopedagoga, especialista em autismo e desenvolvimento infantil, com mais de 10 anos de experiência. Atua como terapeuta com foco em estimulação cognitiva e desenvolveu o Desfralde Incomum, o primeiro método de desfralde fundamentado na neurociência e adaptado ao autismo.**

 [neurokatioliveira](https://www.instagram.com/neurokatioliveira)

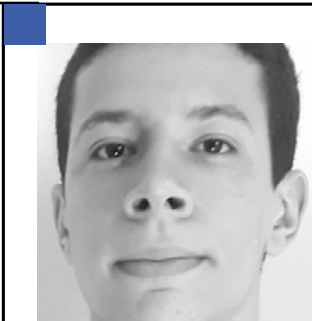
 [neurokatioliveira.com.br](https://neurokatioliveira.com.br)

COLUNA

**TUDO  
O QUE  
PODE  
MOS  
SER**



JK



## Nícolas Brito Sales

tem 27 anos, é palestrante, fotógrafo e escritor. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nicolás lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”.

 [nicolasbritosalesoficial](#)

 [tudooqueeupossoser@gmail.com](mailto:tudooqueeupossoser@gmail.com)

# Uma reflexão sobre solidão

Você gosta de ficar sozinho? Estou te perguntando isso apenas por curiosidade. Eu particularmente acho que ficar sozinho é uma das melhores coisas desta vida, pois na minha visão, é uma ocasião maravilhosa para você focar em seus planejamentos para o seu futuro. Coisas do tipo: o que eu posso fazer de jantar, o que eu vou fazer neste fim de semana, qual o próximo lugar que eu posso morar. E assim sucessivamente!

No meu caso, por exemplo, eu adoro caminhar (sem escutar música), cozinhar e pesquisar diversos tipos de jogos diferentes (sejam eles eletrônicos para jogar sozinho ou jogos de tabuleiro e cartas para jogar com os amigos e familiares).

Ao meu ver, isso é uma oportunidade ma-

ravilhosa, mas claro, com certos limites. Afinal, acho que ninguém quer ficar sozinho pelo resto da vida ao ponto de se sentir solitário (e eu também penso nisso).

Só estou falando desse assunto, para as pessoas saberem que existem certas “baterias sociais” na nossa vida e é sempre bom termos um descanso até mesmo das pessoas que mais amamos, termos uma oportunidade de nos planejarmos, fazer projetos e descansar socialmente para voltarmos a ficar com o coração aberto.

Por isso eu digo: nunca se sintam solitários, pois ficar sozinho uma vez ou outra é uma oportunidade de vocês terem pensamentos criativos para qualquer ocasião futura. ■

C · A · N · A · L

# AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do **Canal Autismo**, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site **CanalAutismo.com.br** ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.



Divulgação

Capa do episódio com Tiago Abreu.

## Podcast Espectros encerra série sobre história do autismo

O Espectros, podcast mensal desta **Revista Autismo**, lançou os últimos episódios de sua série sobre a história do autismo. Em dezembro, o entrevistado foi Victor Eustaquio, que já foi funcionário da Associação de Amigos do Autista (AMA-SP) e, depois, se tornou o fundador da Somar Special Care em Recife. Em janeiro, o jornalista e editor-chefe da **Revista Autismo**, Francisco Paiva Junior, contou detalhes sobre sua trajetória. E em fevereiro, dando fim a uma sequência de quatro anos de episódios, o apresentador Tiago Abreu abordou sua relação com a comunidade do autismo e seus projetos, incluindo a história do podcast Introvertendo.

## Maior estudo sobre leucovorina no autismo é retratado por falhas estatísticas

O maior ensaio clínico já realizado para avaliar a eficácia da leucovorina — também conhecida como ácido folínico — em crianças autistas foi retratado em jan.2026 pela revista científica *European Journal of Pediatrics*. O comunicado de retratação aponta inconsistências nos dados e problemas estatísticos que impediram a replicação dos resultados. A informação foi publicada pela jornalista

Claudia López Lloreda no site The Transmitter.

O estudo, publicado em set.2024, envolveu 77 crianças autistas e afirmava que 24 semanas de tratamento diário com ácido folínico oral teriam reduzido a gravidade dos sintomas em comparação ao placebo. No entanto, ao analisarem as tabelas de dados, os pesquisadores Thomas Challman e Scott Myers identificaram inconsistências numéricas e questionaram os resultados na plataforma PubPeer em set.2025. Após revisão, a revista declarou que não conseguiu reproduzir os achados a partir do banco de dados fornecido pelos autores, concluindo não ter mais confiança na validade das conclusões.



Estudo foi retratado em janeiro de 2026.

Deposiphotos



Divulgação

Capa do livro "Um dia no zoológico", de Gláucia Araújo e Rachel Botelho.

## Livro infantil 'Um dia no zoológico' promove comunicação alternativa

O livro infantil "Um dia no zoológico", das pedagogas Gláucia Araujo e Rachel Botelho, foi lançado com o objetivo de apoiar a comunicação e o letramento de crianças e jovens que utilizam métodos de comunicação alternativa. A obra busca preencher uma lacuna de materiais acessíveis que permitam a participação efetiva de leitores que não usam a fala como principal forma de comunicação, principalmente autistas não oralizados, ampliando o entendimento sobre comunicação, leitura e inclusão.

## Reflexões a partir do Autism-Europe International Congress 2025

Em setembro último, a cidade de Dublin (Irlanda) foi palco do 14º Autism-Europe International Congress, um dos mais relevantes encontros internacionais dedicados ao autismo. O evento reuniu pesquisadores, profissionais, pessoas autistas, familiares e formuladores de políticas públicas de inclusão de dezenas de países, sob o tema "Quality of Life – Research, Policy and Practice" (Qualidade de Vida – Pesquisa, Política e Prática). Leia o artigo completo escrito pelas mães e advogadas Elyse Matos e Tatiana Takeda, que estiveram no evento em Dublin, no site CanalAutismo.com.br.



# 20 ANOS

SOMANDO HISTÓRIAS



**Clínica Somar, pioneira em Pernambuco, celebra 20 anos de cuidado multidisciplinar ao público neurodivergente em todo Norte e Nordeste.**

A Somar atua com equipes especializadas e práticas baseadas em evidências, oferecendo intervenções assertivas no momento certo, com cuidado individualizado e suporte às famílias.

**INTERVENÇÃO NO MOMENTO CERTO MUDA O FUTURO .**



UNIDADES SOMAR – PE  
 PIEDADE: (81) 3465-3913  
 OLINDA: (81) 4100-1166  
 BOA VIAGEM: (81) 3465-3913  
 TORRE: (81) 3441-5556 | 3039-5655  
 ILHA DO RETIRO: (81) 3465-3913

APONTE O CELULAR PARA O QR CODE E CONHEÇA NOSSA HISTÓRIA E NOSSAS UNIDADES



Divulgação

Barbie autista

## Mattel lança primeira Barbie autista

Mattel lançou no dia 12.jan.2026 sua primeira boneca Barbie autista, em um movimento para reforçar o compromisso da empresa com a (neuro)diversidade, inclusão e representação no universo dos brinquedos. De acordo com o jornal britânico The Guardian, a iniciativa visa permitir que mais crianças se identifiquem com a Barbie e, ao mesmo tempo, promover a compreensão da sociedade sobre a neurodiversidade.

A nova boneca, integrante da linha Barbie Fashionistas, foi desenvolvida em uma colaboração de mais de 18 meses com a Autistic Self Advocacy Network (Asan), uma organização sem fins lucrativos que atua em defesa dos direitos de pessoas autistas e é dirigida por elas. A Barbie autista foi cuidadosamente projetada para refletir algumas das maneiras como pessoas neurodivergentes experienciam, processam e se comunicam com o mundo. Entre suas características estão um olhar levemente desviado, que busca representar a tendência de alguns membros da comunidade autista de evitar o contato visual direto, e articulações flexíveis nos cotovelos e pulsos, que possibilitam simular movimentos repetitivos.

## França desaconselha uso da psicanálise para autismo

A Autoridade Nacional de Saúde da França (HAS) publicou, no primeiro trimestre deste ano, novas recomendações sobre o autismo e afirmou que a psicanálise não é indicada como tratamento, por considerar que há evidências insuficientes para sustentar sua eficácia. O posicionamento era aguardado por famílias e profissionais e marca uma mudança mais explícita em relação ao que havia sido apresentado pelo órgão em 2012.

### EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano XII — número 32 - Março de 2026

ISSN: 2596-0539

Venda avulsa proibida

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 10.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245  
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo (Bera)  
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado  
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Fábio Sousa ("Tio Faso")

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Allí Chair, Carmen Dalida, Cindy Daltrovo, Fábio Sousa ("Tio Faso"), Fatima de Kwant, Fernanda Barbi Brock, Kátia Oliveira, Lucas Ksenhuk, Marcelo Vitoriano, Maurício de Sousa, Nicolás Brito Sales, Paulo Liberalesso, Selma Sueli Silva, Sophia Mendonça, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Biosintética, Clínica Somar, Matraquinha,

Apoiadores logísticos:

Jamef Transportes e Azul Cargo

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

X/Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/@RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: CanalAutismo.com.br/revista

Editado por: Revista Autismo

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2503 — cj.22 - Jd.

Paulista - São Paulo - SP, CEP 01401-000

CNPJ: 30.894.955/0001-09

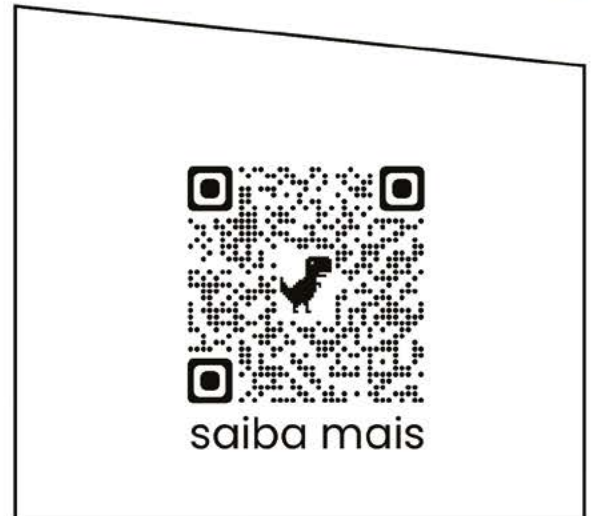
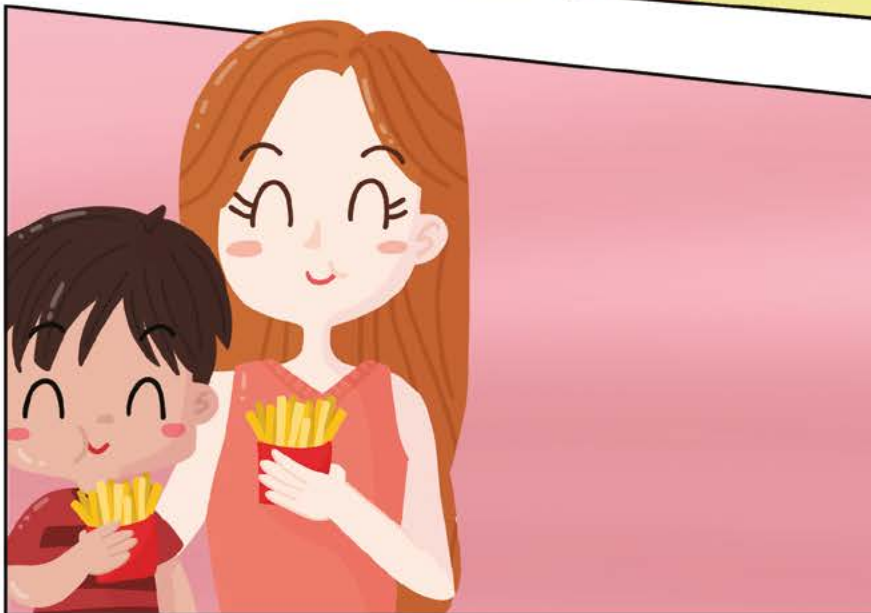
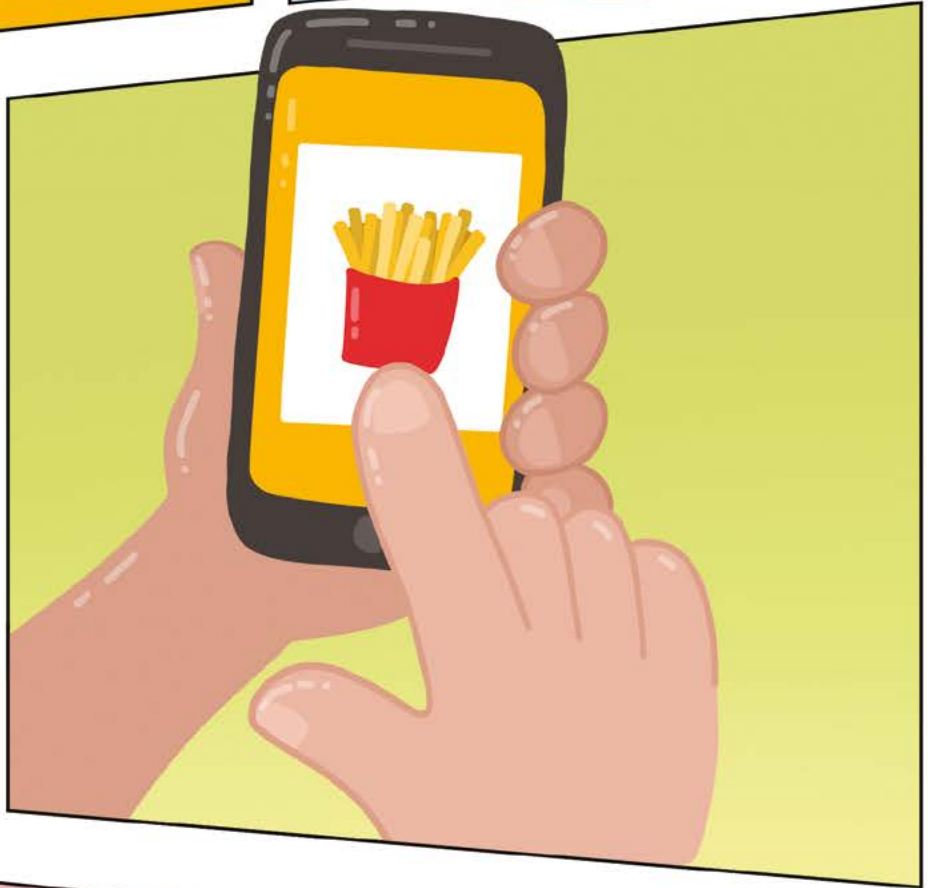
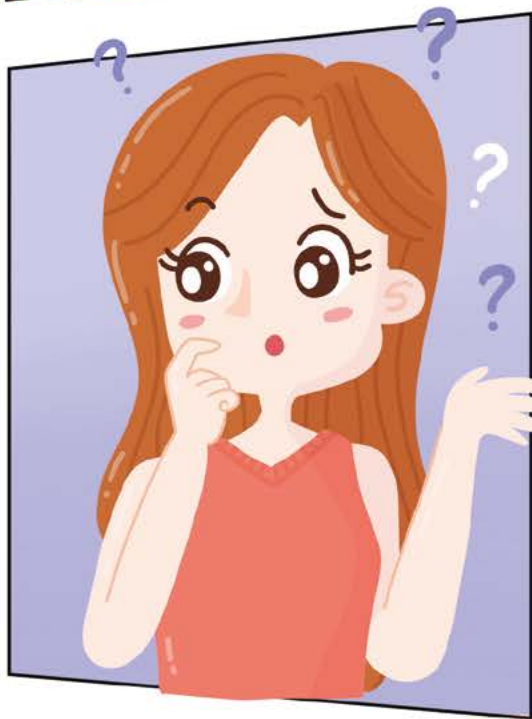
*Os artigos assinados não representam*

*necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.*

### COMO CITAR ARTIGOS PUBLICADOS NESTA REVISTA (PADRÃO ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.



tismoo

# Quer ajuda no seu dia a dia? O Genioo faz pra você.



SAIBA MAIS  
[app.tismoo.com.br](https://app.tismoo.com.br)

O Genioo é uma ferramenta de Inteligência Artificial que tem a capacidade de melhorar o dia a dia de autistas, familiares e pessoas que se relacionam com autismo, auxiliando você em questões práticas.

Já imaginou ter um assistente para cada assunto abaixo?



Professor Genioo



Doutor Genioo



Enfermeiro Genioo



Nutri Genioo



Psicólogo Genioo



RH Genioo

